LITERATURA DE CORDEL

O BARREIRO LEMBRANÇAS DE BELÉM

✦ ✦ ✦



JOSÉ GUILHERME TELES

Distribuição gratuita



Cordel digital produzido e distribuído por **netmundi.org** com autorização do autor.

INTRODUÇÃO

Abandonar seu país
Se chama emigração,
Em outra país vivendo:
Praticando imigração;
No mesmo país, no entanto,
É um migrante, portanto;
Se mudou de região.

Foi no ano de setenta
Que do Pará eu migrei,
Vim para o Rio de Janeiro,
Até hoje aqui fiquei;
Resguardando na lembrança,
Desde o tempo de criança:
Barreiro que eu tanto amei.

Guardo desde a juventude
O desejo de escrever
Um cordel sobre o Barreiro;
Me é fundamental, mister.
Amazônico lugar,
Em Belém a fronteirar,
Bairros novos resolver.

Era uma extensão pequena
De terra, porém enorme
Para mim e meus amigos
Que agíamos conforme
A família permitia
E o Barreiro admitia:
Natureza multiforme.
Com mata virgem, ainda,
De algum modo, preservado,
No *Telégrafo*, fronteira
Com o *Sacramenta*, colado.
O Barreiro àquele tempo,

Sem asfalto, chão barrento,
Passou a ser ocupado.

Telégrafo e Sacramenta,
Fronteiriça região
Com o Barreiro entre eles,
Separando-os, então.
Muitas casas de madeira,
População altaneira,
Palafitas, bastião.

A fronteira entre os bairros
Era um igarapé
Também chamado Barreiro
Como o lugar ainda é;
Sua foz é na baía
Do Guajará que fluía;
Na baixa até dava pé.

Igarapé pouco extenso,
O Barreiro era também
Conhecido como *Galo*
Em alguns mapas de Belém;
Tinha outro nome: do *Una*,
Serraria que o cafuna,
Outro nome que convém.

Sua nascente ficava
Entre o *Marco* e o *Pedreira*,
Simples córrego a correr
Acompanhando a ladeira
Da *Visconde de Inhaúma*;
Na *Antônio Baena*, em suma,
Dá sua curva primeira.

Cruzava a *Marquês do Herval*,
Pedro Miranda, Everdosa;

A *Almirante Saldanha*,
A seguir a *Rua Nova;*
Senador Lemos, afinal,
Pedro Álvares Cabral
E a mata, sua alcova.

É importante, porém,
Dizer que Álvares Cabral
Era antes via férrea
Do *Entroncamento*, ramal;
Rua do Trilho, chamada
Até ser desativada,
Ganhou o nome atual.

Fosse *Igarapé do Galo*
Ou *Igarapé do Una,*
Mas o que nos importava:
Para nós era fortuna;
Chamávamos de Barreiro
De dezembro a fevereiro,
Mesmo que fosse laguna.



Depois da ponte de madeira, a estrada de terra.

O terreno do Barreiro
Era de propriedade
De uma olaria da *Rua*
Da Municipalidade.
Dele ela retirava
O barro que precisava,

Argila de qualidade.

O Barreiro foi pra mim
E pra minha colegada
Centro de integração,
Vida socializada;
Gravitaram emoções,
Se firmaram relações
Sólidas, enraizadas.
Ali se fortaleceram
Bastante, as amizades;
Foram anos prazerosos
Para nossas mocidades;
Lembrando sempre, porém,
Pra nós ele foi também
Pleno de felicidades.

Ratificando, entretanto,
Que ele fazia parte,
Era exótico recanto
Da Amazônia destarte.
Fauna e flora exuberante,
De colorido pujante;
Para nós, um estandarte.

O igarapé no início
Era raso, sinuoso,
Sem navegabilidade,
Também pouco aquoso;
Deixa de ser lamaceiro
Pós a ponte do Barreiro;
Mais largo e mais volumoso.

Da ponte até a baía,
Dois quilômetros além,
A sua profundidade
Nos permitia também

Nadar e até jangadar,
Peixes e siris pescar
Nas águas limpas dalém.

Suas águas oscilavam,
Já que era igarapé,
Para cima ou para baixo
Com a influência da maré;
Na cheia era que a gente
Mergulhava alegremente,
Pois não tinha jacaré.

Nos mangues do igarapé,
Caranguejos pra catar,
Pescar peixes ou siris,
Com anzol ou com puçá:
Pratiqueira, Mapará,
Acaru e *Tamuatá.*
Candiru pra atrapalhar.

Naquelas nossas nadadas
Se evitava urinar
Dentro d'água porque ele
Vinha a amônia respirar.
Por ela era atraído
E com a gente distraído
Muito pra se lamentar.

A mata era exuberante,
Até mesmo a marginal;
Muito verde e muita luz,
Típica, equatorial;
Aningal emoldurava,
Raízes, caules, mostrava;
Natureza original.

Árvores de todo tipo,

Incluídas as frutíferas,
Entretanto a maioria
Era apenas de *sombríferas*;
Palmeiras como o *Açaí*
E *Bacaba* davam ali;
Se espalhavam prolíferas.

Inda antes da construção
Da via férrea, ramal,
Nós, alegre gurizada,
Diariamente, normal,
Íamos para o Barreiro,
Que era nosso companheiro
De aventuras, afinal.

Depois daquele ramal
Tudo se modificou,
O Barreiro foi perdendo
Tudo que em nós marcou;
Mata sendo derrubada,
Terra sendo ocupada.
Enorme massa migrou.

Na **Conclusão**, entretanto,
Deste cordel falarei
Sobre a transformação
Que lhes digo, contemplei.
Rua do Trilho surgiu,
O povo quem impingiu,
Por ela muito eu andei.

A FLORA



Frutos típicos do Pará. Muitos deles, no Barreiro.

A flora era exuberante,
Riquíssima, variada;
Pequena mostra amazônica,
Quantidade limitada.
Para nós, suficiente,
Nos servia fartamente
E à nossa empreitada.

O Barreiro era um pedaço
Da mata equatorial,
Rica em flores, frutos típicos,
Não tinha outro canto igual;
Nossa mata era abundante,
Para nós, impactante,
Mesmo infinitesimal.

Havia as medicinais
E também decorativas.
Algumas para madeira.
Medicinais, curativas,
Em unguento ou em chá,
Pra alguns doentes, quiçá,
A única alternativa.

Andiroba e Copaíba
Não tinham na região,

Mas o bom *Capim Marinho*
Existia de montão;
Até o *Patchuli*
Dos cheiros que davam ali
Qual capim colonião.

As decorativas, como
O próprio nome sugere
Decoravam os jardins,
Na beleza interfere.
Samambaias e Begônias,
Orquídeas e *Helicônias*;
Tajã que muito exubere.

Naquelas humildes casas
De madeira, construídas,
A riqueza era um jardim
Com as plantas bem floridas;
Nos quintais também floríferas,
Bom número de frutíferas;
As frutas no pé colhidas.

A mata era uma fonte
Com grande variedade
De frutos de todo tipo
Pra nossa saciedade;
Fossem grandes ou pequenos,
Fossem doces, mais ou menos,
Estavam ali, à vontade.

Fosse grande como a *Jaca*,
Pequeno como o *Uxi*;
Duro qual o *Cupuaçu*,
Macio como o *Mari*;
Rugoso qual *Jenipapo*,
O *Ingá*, um cipó chato;
Mirim como o *Muruci*.

O *Camapu* era um fruto
Muito farto por ali,
Arbusto de caule fino;
Tem também o *Buriti*,
Marrom escuro, escamoso,
Muito doce e fibroso,
Silvestre qual *Sapoti*.

A *Pupunha* dá num cacho
Na espinhenta pupunheira;
Também dá belo palmito
De qualidade primeira;
De tamanhos variados,
São muito valorizados.
No Café é rotineira.

O *Açaí* que se tornou
Grande unanimidade
Até no exterior,
É gostoso de verdade;
Além de bem nutritivo,
E isso é um bom motivo
Pra sua aceitabilidade.

A *Bacaba* é irmã gêmea
Do Açaí, só mais clara;
O marrom-acastanhado
É a cor que lhe equipara;
Bacuri, Cupuaçu,
Junto com o *Jambuaçu*,
Que é o *Jambu*, se aclara.

Tinha o *Abiu* não cicado,
A exótica *Graviola*;
O *Biribá* que é parente
Da *Fruta de Conde*, assola;

Tinha o bom *Taperebá*
Que é parente do *Cajá*;
São da mesma curriola.

O *Tucumã* com a polpa
Vermelha como carmim,
Tinha *Ameixa* (*Jamelão*)
Com arroxeado, sim;
A *Caramba* (*Carambola*),
O *Jambo*, sabor que cola,
Que nunca saiu de mim.

Abricó e *Fruta-Pão,*
Ananás e *Cajuí*,
Tinha a *Pitanga do Mato,*
O *Cacau*, raro ali;
Branca, Chorona, Inajá,
Nanica e quem mais chegar.
Eram as bananas dali.

Que coisa mais belemense
São as mangas, afinal
A cidade é *das Mangueiras*
E o Barreiro é filial.
Pelas ruas e quintais,
Sombreando e ademais,
Sua marca original.



OUTROS FRUTOS

Não esqueço, outrossim
De outros frutos do lugar,
Comuns em todo Brasil,
Apenas pra relembrar:
Maracujá e *Mamão*,
Melancia, pelo chão;
Peso pra se carregar.

Abacaxi, Abacate,
Amora, silvestre, sim;
Coco de várias espécies
E o *Caju* carmesim;
Limão Galego, Goiaba,
Tinha até *Jabuticaba*,
Mesmo rara, digo assim.

Mangaba e *Tangerina,*
Tamarindo e *Piquiá*;
Lima de casca bem fina,
Bem doce, sem amargar;
A *Ginja*, pequenininha,
Fruto da *pitangueirinha*
E o selvagem *Araçá*.

São frutos que no Brasil
Dão quase em todo lugar;

Proliferam, são plantados
Para comercializar.
No Barreiro, entretanto,
Era só jogar num canto;
Não precisava plantar.

A FAUNA



A fauna era vigorosa,
Muito verde e colorida;
Amazônica reserva,
Fascinante e florida;
Espécimes variadas
Viviam harmonizadas,
Tinham na mata guarida.

Animais de vários tipos
No Barreiro pululavam;
Nas suas margens lodosas,
Nas águas que tremulavam;
Pelos galhos saltitando,
Pelo solo, caminhando
Ou pelos ares, voavam.
Curiós e *Bem-te-vis*,
Pipiras e *Sabiás;*
Papagaios, Periquitos
Degustando araçás;
Beija-flor silencioso*,*

O *Anum* misterioso;
Enxames de *Arapuás*.

Nos alagados e margens
Lodosas do igarapé,
Bandos de *Garças*, *Socós*,
Saracuras, que de pé,
Com os *Marrecos* chegados,
Ante os peixes empoçados.
Mais que simples canapé.

Pela estrada de terra
Batida, onde as caçambas
Penetravam no Barreiro,
Barulhentas, rodas cambas;
Cruzavam *Quatipurus*,
Procurando por *Turus*
Em troncos naquelas bandas.

Também *Cotias, Mucuras,*
Para o Sudeste, *Gambá*;
Procurando nas picadas
Algo pra se alimentar;
Pregos, exibicionistas,
Das árvores, intimistas,
A se acrobatizar.

Borboletas, Mariposas,
Imensa variedade,
Caleidoscopicamente
Coloridas de verdade;
Algumas bem intimistas,
Outras exibicionistas;
Extraordinariedade.

Sapos e *Gias* ativas,
No solo ou nos alagados,

Com ou sem o seu *croack*,
Nos insetos, concentrados:
Louva-a-Deus e *Gafanhotos,*
Besouros, *pterigotos*,
Marimbondos irritados.

A decolagem da Garça,
Do Socó, da Saracura,
Silenciosa, pacata,
Irradiava ternura;
Para nós, isso, entretanto,
Era parte do encanto;
Buscávamos aventura.

Animal de grande porte
No Barreiro inexistia,
No máximo, comentavam,
Maracajá persistia;
Mas nunca os encontramos,
Então desacreditamos;
Demos à crença, anistia.

Quanto a prováveis perigos
Existentes no Barreiro,
Simplesmente acreditávamos
Que com um grupo brejeiro
Ligado por amizade,
Nenhuma adversidade
Nos teria em cativeiro.

O que mais nos assustava
Eram *cobras*, abundantes,
Aranhas caranguejeiras,
Insetos impressionantes;
Nunca tivemos, porém,
Mais que sustos, que convém;
Fomos coadjuvantes.

BRINCADEIRAS

Carro de Latas e *Perna*
De Pau, Jogo de Pião;
Petecas e *Baladeiras,*
Praticadas com emoção;
Cangulas e *Papagaios,*
Curicas para os ensaios;
Feitos pela nossa mão.

Tínhamos a liberdade
De no Barreiro brincar;
De nas árvores subir,
De nas águas, mergulhar;
Qualquer uma brincadeira
Da estrofe derradeira
Podia em qualquer lugar.

CONCLUSÃO

Os banhos no igarapé,
As mergulhadas da ponte
De madeira ou dos cipós,
Eram de alegria, fonte;
As águas frias, barrentas,
Para nós eram qual bentas;
Nada que se amedronte.

Os siris, os camarões,
Os peixes ali pescados;
Frutos doces, abundantes,
Coloridos, variados;
Caçamba sacolejante,
Barro mole, respingante
E os animais assustados.

Os passarinhos cantando

Ou simplesmente pousados
Nos galhos de um arbusto,
Os Beija-flores, pairados;
Com as Garças e os Socós,
Nunca estávamos a sós;
Vivíamos integrados.

As brincadeiras sadias,
Criativas, variadas;
Feitas com imaginação,
Eram privilegiadas;
Uma ou outra desavença.
Ruim mesmo era a doença,
Companhias afetadas.

Barreiro, ainda te vejo
Daquele jeito *selvagem*,
Quando era adolescente
Brincando na tua margem;
Sinto hoje ainda o gosto
Dos frutos, mas o desgosto:
Não tenho tua paisagem!

Barreiro, igarapé,
Marco da adolescência,
Das tuas trilhas e matas,
Desbravadas com frequência;
Hoje de ti afastado
Guardo uma pintura ao lado;
Com minha reminiscência.

Há muito não mais existe
A velha ponte brejeira,
Nos servindo e às caçambas,
Construída de madeira.

Só tem mesmo, afinal.
A Pedro Álvares Cabral
Com a ponte derradeira.

Sei que hoje te encontras
Degradado, poluído,
Sem a menor semelhança
Com o tempo aí vivido;
Malcheiroso, nauseante,
Onde o lixo é abundante;
Tu estás ao desabrigo.

Te vi em 2002,
Numa visita a Belém,
Acredito, ouvi vozes,
Como fossem do além;
Eras tu que na verdade,
Imploravas piedade;
Não ouvido por ninguém.

Lembrei então que uma vez
O amigo Bira falou:
- “Isso vai virar um bairro,
Disso, certo eu estou;
Espero que consigamos
Nos rever e que possamos
Ver se algo de bom restou!”

Nunca mais nos encontramos,
Nem quando lá retornei;
Procurei-os, entretanto,
Não consegui, não os achei;
Vi o Barreiro tão somente,
Destruído impunemente

Pelo homem. Confirmei.

Como havia esquecido
De no texto comentar,
Falo da *nossa Jaqueira*
Que era marco do lugar;
Era bem colada à ponte,
Do outro lado, defronte,
Sempre a nos convidar

Para comer dos seus frutos,
Ou então dela pular
Nas águas do igarapé,
Nos seus galhos pendular.
Era símbolo faceiro
Daquele nosso Barreiro.



Para sempre vou guardar.

A Jaqueira.

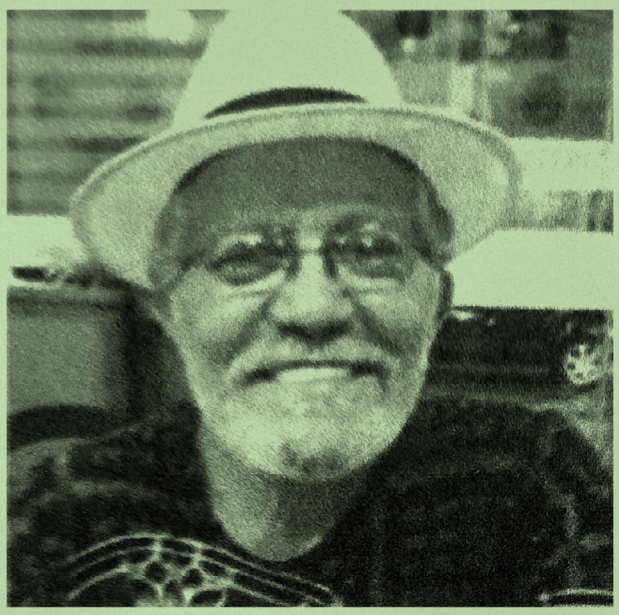
O Barreiro deixou de ser isso...



... para se transformar nisso.



Hoje o Barreiro é isso. Um bairro popular e o Igarapé é um grande valão. Sem nenhuma vegetação. À direita, no alto a foz do igarapé São Joaquim. À direita dele ficava a ponte de madeira e a jaqueira. (



O AUTOR

JOSÉ GUILHERME Soares TELES, nasceu em Belém, Pará, em 25 de junho de 1949. É pai de seis filhos e avô de quatro netos. É jornalista, cordelista (acadêmico da ABLC, cadeira nº 13) e Professor. Se classifica como aprendiz de poeta.

Entre 2017 e 2020 publicou mais de 70 cordéis. Também em 2017, pela Editora Labrador, lançou o livro Pequena História do Rio de Janeiro, em cordel sextilha, com um glossário dos fatos históricos cordelisados na obra.

Em 2020 já publicou, além de folhetos, dois livros em cordel com ISBN, Poemeus II e Filosofando, a História da Filosofia. Além desses, publicou seu primeiro romance: Os Meninos da Mangueira e o livro infanto-juvenil: A Menina que perdeu a cabeça e outras histórias. *Chico Salles, o Menestrel, Luiz Gonzaga, o mestre do baião entre outros.*

E-mail: barreirotell@gmail.com

Tel.: (21) 99888-3013